

O MASCULINO E O FEMININO: O GÊNERO NA PSICANÁLISE*

Roseane Freitas Nicolau**

RESUMO

Este artigo reflete sobre a questão do gênero, a partir de noções psicanalíticas, tema complexo e ainda não bem delimitado pelos vários ramos das ciências. Tomando-se as discussões em torno do complexo de Édipo e angústia de castração, masculinidade e feminilidade, atividade e passividade, desejo de saber, discute-se a constituição do sujeito, marcado pela falta. Valoriza-se a ética da psicanálise, calcada na concepção de um sujeito desejante para fazer a leitura do masculino e do feminino, como estruturantes da personalidade, ultrapassando os limites das representações sociais que o reduzem a homem e mulher.

Palavras-Chave: psicanálise - gênero - complexo de Édipo.

Masculine and Feminine: The gender in psychoanalysis

ABSTRACT

This paper analyses questions of gender from the point of view of the psychoanalysis. This theme is complex and has not yet been well delimited. It discusses the constitution of the lacking subject, based upon the Freudian concepts of Oedipus complex, castration anguish, masculinity and femininity, activity and passivity and the desire of knowledge. The psychoanalytic ethics is considered and related to the conception of a "subject that desires" in order to understand the masculine and the feminine as different elements that construct the personality, going beyond the social representations that reduces this subject to "man" and "woman".

Key words: psychoanalysis - gender - Oedipus complex.

* Trabalho apresentado na II semana unificada de Psicologia UFC/UNIFOR.

** Professora Assistente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Doutoranda em Sociologia (UFC).

1 INTRODUÇÃO

A categoria gênero surgiu no meio acadêmico no âmbito das ciências sociais, onde referências a essa temática eram ouvidas na forma de expressões como: “Isto é uma questão de gênero”, “O gênero dentro do trabalho”, “O gênero e a política”, “A construção de gênero”, expressões que apontam para a diferença entre homens e mulheres. Todas as culturas se debateram com esta diferença e esse fato tem suas ressonâncias em campos como a divisão social do trabalho, a economia, a política e a ética, os comportamentos, enfim, a cultura. A constatação de que as comunidades são formadas por pessoas do sexo masculino e por pessoas do sexo feminino e que existem diferenças entre elas fez as várias ciências voltarem o olhar para as particularidades que apresentam essas diferenças.

No âmbito dos movimentos feministas utilizou-se a palavra gênero como uma forma de entender, visualizar e referir-se à organização social da relação entre os sexos. Segundo Eunice Guedes (1989) isso implicava numa resistência ao determinismo biológico presente no uso dos termos como sexo ou diferença sexual. As feministas desejavam, segundo a autora, enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas em sexo, o que redundaria em que o gênero seria uma categoria sexual imposta sobre um corpo sexuado. Isso pressupõe todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade.

Discute-se também a identidade de gênero, como é construída, a partir de formação de conceitos/preconceitos, imaginária e simbolicamente. Esta discussão leva em conta a linguagem enquanto elemento formador e constitutivo do psiquismo, bem como os símbolos que prendem os sujeitos a formas normativas de exercer sua subjetividade, ditando como viver o exercício da sexualidade que está invariavelmente amarrado aos conceitos de papéis sexuais, de masculino/feminino, de normalidade e anormalidade, etc.

Mas, a temática gênero, vem sendo discutida também nos últimos anos no campo da psicologia e nesta reflexão, questões como “feminino”, “masculino”, “constituição da diferença sexual”, “feminismo” e “feminilidade” se fizeram presentes na discussão e tem demandado da parte dos estudiosos a

procura de subsídios teóricos para dar conta dos estudos em andamento. Essas temáticas são recorrentes na psicanálise e é por esta via que se pode pensar uma possibilidade de trabalhar com a questão de gênero neste campo. Vejamos o que um psicanalista pode refletir sobre as questões de gênero, uma vez que esta categoria não é do campo da psicanálise.

2 A PSICANÁLISE E O GÊNERO OU O GÊNERO NA PSICANÁLISE

É fato que homens e mulheres são diferentes desde o anatômico – aparente – até o psíquico – latente, passando pelas manifestações disso nos domínios sócio-econômico-político e familiar. A psicanálise, entretanto, *mergulha* da superfície das diferenciações anatômicas Homem – Mulher para as “profundezas” das conseqüências psíquicas, ou seja, em psicanálise melhor é falarmos em Masculino – Feminino, cujas ressonâncias vão além de ser homem ou mulher (fenômenos), mas são questões estritamente vinculadas à própria constituição do sujeito, fazendo referência a uma estrutura. Remete a *Pai e Mãe* simbólicos e a uma suposta tendência bissexual na espécie humana. Portanto, discutir sobre gênero em psicanálise passa por questões relacionadas a constituição do sujeito, este que se constitui nos limites de uma relação triangular que pressupõe a existência de uma função paterna, de uma função materna e de si mesmo, enquanto sujeito em constituição. Habitante do desejo do outro e produtor de seu teatro particular, o sujeito se vê, desde a ontogênese, entre o masculino e o feminino e, é a partir desse território que se posicionará diante da vida, repetindo, inclusive, em parte, os *scripts* da história de seus ancestrais. Refiro-me aqui ao drama edípico, à história de Édipo e seus pais Laio e Jocasta, que levou Freud a privilegiá-la como um mito de referência, porque viu no relato de Sófocles a presença de desejos fundamentais de todo ser humano: parricídio e incesto, conflitos psíquicos vividos pelo sujeito nos primórdios de sua constituição enquanto tal.

O mito não explica o desejo mas serve-lhe de referência e serve a Freud para uma certa objetivação da subjetividade crivada por desejos infantis que com leitura/interpretação da tragédia podem ser demons-

trados. É mais por outros aspectos que a tragédia grega de Édipo interessa a Freud, além de seu "...plano universal em que todos somos semelhantes". Édipo está próximo de Freud menos pelo seu caráter universal de continente desses desejos inconscientes e mais pela originalidade pela qual desnuda a "verdade" sobre si mesmo. Se não é o mito que vai nos dizer o que pretende a psicanálise, do que Freud percebeu da mitologia representada em tragédia no caso de Édipo, é alguma coisa presente na história edípica e narcísica que vai ser o núcleo da psicanálise. O que aparece no mito deve ser lido desde o registro do simbólico, com reconhecimento de uma lógica, e não como fato que o mito põe em cena.

O percurso da teoria freudiana aponta que o que está em jogo nos mitos é a *diferença*. A diferença sexual, a hesitação do falante em torno da sua relação ao sexo. Aquilo que Freud equacionou e teorizou com o nome de *castração*. Esta está na origem da diferença dos sexos. Inicialmente Freud não coloca em primeiro plano, como enigma fundamental, a origem da diferenciação masculino-feminino. Ele aceitaria uma espécie de reconhecimento "pré-castrativo" ou "pré-edípico" de uma diferença, ou melhor, de uma distinção entre homem e mulher, entre pai e mãe. Mas esse conhecimento não teria valor pulsional. O impulso de saber das crianças surge do incitamento das pulsões egoístas que as dominam quando se encontram diante da chegada de um novo bebê. O incitamento só chegará, portanto, no momento em que se acrescenta um elemento pulsional, precisamente o ciúme em relação a uma outra criança. Daí então que o problema número um das teorias sexuais infantis é saber de onde vem as crianças. É neste ponto que Freud vai fazer sua primeira descrição teórica do conflito infantil, do conflito que chama de edípico, no sentido de que este estabelece um confronto entre a criança e os pais. Esse conflito, considerado nuclear, centra-se exatamente na noção de saber. O conflito psíquico seria, portanto, no início, um conflito em torno do saber e em torno da recusa parental em proporcionar este saber. A resposta relacionada à pergunta "de onde vem os bebês?" vem em forma de fábulas, que as crianças se recusam a aceitar, passando a acreditar que existe algo de interdito, de proibido, que as "pessoas grandes" guardam para elas e por este motivo as crianças passam a fazer segredo

de suas investigações subsequentes. Vivem aí um conflito psíquico, na medida em que opiniões, pelas quais sentem uma preferência de natureza pulsional, mas que não são corretas aos olhos das "pessoas grandes", entram em oposição com outras, baseadas na autoridade dessas "pessoas grandes". Esse conflito pode tornar-se uma "clivagem psíquica". Esta clivagem fundamental, que tem origem no primeiro conflito psíquico, é a grande clivagem do sujeito em inconsciente e pré-consciente – consciente. Em suma, o domínio reservado dos adultos é a garantia do domínio reservado das crianças. Há uma clivagem que faz com que os pais se reservem alguma coisa e uma clivagem no próprio sujeito, que faz com que a criança se reserve uma certa fantasmização dos fatos. O segredo dos adultos é para as crianças a possibilidade de se conservar na posse de um domínio secreto, que é o domínio de suas próprias teorias sobre a sexualidade.

Quais são estas teorias?

- 1- a de que todos os seres humanos, inclusive os seres femininos, têm um pênis.
- 2- A teoria do nascimento cloacal
- 3- a concepção sádica do coito.

A teoria da castração se insere nas três teorias, mas a primeira evoca mais explicitamente a questão da castração. Os dois gêneros são admitidos, mas sua distinção não passa pela diferença de sexos. Elas são exteriores (saias, calças). Essa distinção entre masculino e feminino, segundo Freud, só se daria na puberdade, porque a distinção não existe, todos têm pênis. O fato de Ter um pênis nada implica quanto à distinção de gêneros. Temos que considerar aí também a noção de valorização narcísica do pênis. Ele é autônomo em relação ao corpo, isto o torna falo, podendo estar presente em todos os corpos. Sua implantação narcísica no corpo tem uma contrapartida – se pode ser implantado pode ser cortado.

Temos então que a criança, após deparar-se com a diferença do ponto de vista visual, após perceber que existe uma diferença na zona genital, pergunta-se porque aquilo está diferente e inventa as historinhas que inventa: ela supõe que não deveria haver diferença e quando encontra a diferença não consegue articulá-la com coisas que considera de fato diferentes. Concebe que há uma coisa ou falta uma coisa, que Freud chama de pênis. Identifica a dife-

rença com a presença ou ausência de pênis da qual ela tenta dar conta. Esse sujeito supôs de saída que só existia uma coisa que todos deviam Ter. Se o outro não tem é porque tiraram, *aquilo* lhe foi tirado. Mas a operação lógica não para por aí, se parasse a diferença estaria resolvida: uns têm outros não têm. Mas o que não tem é porque provavelmente lhe tiraram e o que tem está sob a ameaça de perder *aquilo*. Instala-se a ameaça da perda ou da castração. O importante para a criança é eliminar a diferença. A que não tem não fica definitivamente frustrada porque, se o outro tem e ela não tem, é porque perdeu, logo o outro também pode perder. A partir deste jogo de presença e ausência produz-se a necessidade de se inscrever, no lugar desta diferença, alguma coisa. No jogo da diferença está implícito a presença e ausência. E é isto que Freud chama de falo.

Em Lacan a base sexual do funcionamento psíquico faz referência ao falo como organizador do psiquismo. Está na origem do desejo. É o significante que indica o lugar da falta no Outro. Da ordem falo – desejo – falta resulta o funcionamento psíquico. O período em que a criança ainda não se deu conta da separação é o que Lacan chama do período da criança como falo da mãe. O incesto no inconsciente é a fusão com a mãe. Somos expulsos da plenitude narcísica pela falta. O percurso entre a falta e representação dela é o desejo

Originalmente o que há é indiferença. Ao invés de duas marcas há uma, na origem, no surgimento do falante, só se encontra como apoio para esta fala, para seu modo específico de ser, uma única marca diferencial. Freud diz que não se encontra nenhuma marca de diferença sexual na fala, nas articulações inconscientes do analisando. Ninguém, quando fala, tem como garantia uma marca de posição sexual, uma marca que seja originária. Por isso as crianças produzem teorias sexuais, tentando explicar a diferença que as surpreende. O que há é uma única marca que Freud chama de Falo. Ao falante só é dada uma diferença, marca produtora de diferenciação mas que, ela própria, é unária, única, indiferenciada, puro traço, puro corte. Assim, nenhuma antropologia, sociologia ou psicologia, nenhum discurso que queira encontrar a zoologia do homem, que queira dizer que animal é o homem mediante a combinatória de diferenças enunciadas, poderá descrevê-la. Porque originalmente não

se encontra mais que uma marca diferencial, que é diferenciante mas não tem o menor sentido, a menor significação. A referência, portanto, é unária e sem sentido.

Voltemos à constituição da diferença sexual em Freud. Ela se dá pela organização genital, complexo de Édipo, fetichismo. Freud discute esta questão exclusivamente da ótica do menino. Somente a partir de 1925 é que falará a partir da menina. O menino, o pequeno Hans, em seus diálogos, apresenta essa teoria da identidade dos gêneros quanto à posse do pênis. Essa teoria está fundada na unidade dos sexos. A consequência desta teoria – a atribuição de um pênis a todos os seres humanos, coloca em primeiro plano a imagem quase universal da mulher com pênis. Essa representação reaparece mais tarde no sonho dos adultos. Aí parece existir o ponto de partida para a homossexualidade: A mulher sem pênis é objeto de aversão ou de horror. Esse horror da castração será relacionado, pela primeira vez, a algo que o precipita: a ameaça de ser submetido ao ato da castração. A noção de castração, em todo caso, surge sobre o fundo da teoria da identidade narcísica dos sexos.

Assim, toda mãe é fálica, não é homem nem mulher. Ela só se torna mulher quando ele descobre a castração nela. A representação do feminino como castrado se cola ao infantil (objeto, passivo, castrado).

Nessa época a castração impõe-se a Freud essencialmente como uma teoria fantasística que permite um certo ordenamento dos fatos. Na medida em que a ênfase recai sobre a teoria, enfatiza a estrutura. Pode-se resumir esta teoria assim.

A distinção dos gêneros converte-se em diferença de sexos;

Essa diferença é específica pela presença-ausência do pênis;

Essa diferença explica-se por uma ação de amputação, uma castração, operada por um terceiro (esboça-se aqui a questão da lei); essa amputação, essa possibilidade de amputação abre caminho para o processo de restituição, quando não para uma promessa de troca, o que aponta para a organização de uma estrutura. O fetichismo, porta de entrada necessária ao estudo das perversões em Freud, é um modo de solução específico do desejo, mas pode ser demarcado como uma estrutura. O fetiche é um substituto fálico atribuído como símbolo à mãe, no

momento em que a criança descobre a realidade orgânica de que esta não tem pênis. A privação da mãe assume aí um valor simbólico na subjetividade da criança. O fetichista se empenha, em última instância, à tarefa de garantir a não castração da mãe. Existem os casos em que o indivíduo fixa em imagens pregnantas, quase indestrutíveis no inconsciente: imago da mulher com pênis, imago do ferimento, da mutilação, suscitada pela visão do sexo feminino.

Mas o que se passa entre homem e mulher? Esta é outra questão fundamental que Freud, numa construção também mítica, chamou de *cena primária*. Não se sabe, porque, apesar de sabermos que existe uma diferença, originalmente não se sabe qual é. O homem, por não trazer a inscrição sexual psíquica, não sabe qual é sua posição no sexo. Por isso Lacan vem nos dizer que não há relação sexual. A teoria do gozo explica que, para Lacan, “não há nenhuma estesia do sexo oposto (nenhum conhecimento, em sentido bíblico) para explicar a pretensa relação sexual” (*Radiophonie*). De fato, o gozo (entendido aqui como prazer) só é atingido pelo homem quando ele identifica a mulher com o objeto *a*, o que o leva a ver na mulher a personificação da ameaça de castração. E o gozo não é atingido pela mulher a não ser quando esta identifica o seu parceiro “com o falo, seja com o pênis imaginado como órgão da tumescência, seja, ao contrário, de sua real função”. Portanto, o homem é confrontado com uma falta simbólica, a castração, e a mulher é confrontada com uma falta real, a privação: “Disso decorrem os dois rochedos, o da castração, no homem, e o da inveja do pênis, na mulher” (*Escritos*).

O aforismo “não há relação sexual” também é visto por Lacan como uma forma do real, como impossível:

A mulher “não entra em função na relação sexual senão como mãe”. Por seu turno, o homem “não entra nela senão *quoad castrationem*, isto é, enquanto tem uma relação com o gozo fálico”. É por isso que “não há relação sexual – essa é uma fórmula que não se suporta senão do escrito, pelo fato de que a relação sexual não pode se escrever”. Isto significa que a relação não se dá de sujeito a sujeito, mas de sujeito a objeto, este imaginarizado, idealizado.

3 O DESEJO DE SABER

O sujeito depara-se com o enigma dos sexos, digo, vive entre o masculino e o feminino e, é nesse aspecto, daquele que encontra uma saída original para suas questões, que o Édipo de Sófocles será mais instigante para Freud. Édipo também é aquele que decifrou o enigma da Esfinge. Nesse aspecto está aí colocada a pulsão de saber, deslocada das pulsões eminentemente sexuais e que substitui as primeiras perguntas estritamente sexuais por questões sobre o mundo físico, biológico, humano (Kupfer, 1989). Esta idéia da origem do conhecimento está em Freud, para quem a investigação sexual é correlativa da pulsão epistemofílica. O pequeno Hans nos ensina que a nossa vontade de saber surge de uma falta, de uma perda (a falta da mãe, a perda desta). O pequeno Hans descobre a castração no momento em que diz que o enigma de todos nós está ligado a uma perda.

É a partir das primeiras indagações sobre sua origem que o sujeito constrói explicações para sua existência. Para Freud as primeiras indagações são sempre sexuais, pois a criança tem necessidade de definir seu lugar no mundo e esse lugar é, a princípio, um lugar sexual. Esse lugar é situado em primeiro lugar, em relação aos pais. Mais do que isso, em relação àquilo que os pais esperam que ele seja. A questão “de onde viemos” equivale a “qual é a minha origem em relação ao desejo de vocês? por que me puseram no mundo? para atender a quais expectativas? esperando que eu me torne o que?” É na busca de saber da origem das coisas que nos interpelamos sobre nossa própria origem, nossa posição em relação ao desejo de nossos pais. Nessa esteira o sujeito começa a debater-se pela definição entre ser homem ou mulher. Na clínica da psicanálise, a dúvida entre ser homem ou ser mulher tem sido apontada como a principal dúvida do sujeito histérico (Nasio, 1991). O não saber, ao fazer questão, produz imaginário e tenta responder produzindo saberes que dêem conta dessa questão. Por isso a criança desenvolve suas teorias, bem como a ciência tenta dar conta da diferença.

As expectativas, vinculadas às representações sociais do masculino e do feminino sob o domínio da fantasia, vão conflitar com as estruturas psíquicas do mesmo, pois no real nada falta e será a partir da representação, do imaginário e do simbólico que

a falta se instala. Estes são dados importantes para compreendermos as vicissitudes do sujeito que se encontra entre o masculino e o feminino.

Portanto, homem/mulher, masculino/feminino, atividade/passividade encerram muito mais que um simples corpo biológico, com sua conformação anatômica. Podemos aqui perguntar: anatomia é destino? Ou o destino de cada sujeito sofre os efeitos dessa anatomia? Esta parece ser a conseqüência da teorização freudiana. Com Freud sabemos que a sexualidade humana é diferente da animal. Não se encontra nestes as perversões. Há também em Freud a idéia de masculino e feminino enquanto estados puros, como puras idealizações. O que de fato existe é um continuum entre estas posições. Vide a idéia de bissexualidade inata. Algo do recalcado retorna sempre. Lacan diminui a distância entre o homem e a mulher, seja com a noção de sujeito, seja com a afirmação mal entendida “a mulher não existe”. A inexistência do sexo feminino significa a existência de um representante único no imaginário. Se a mulher não admite o vazio ela perde a possibilidade de colocar outras coisas no lugar. Mas a feminilidade também comporta o masculino. Existe o lado feminino no homem e o lado masculino na mulher. É preciso reconhecer no outro o masculino e ou feminino e suas associações com a atividade e a passividade circunscritas no domínio da fantasia. O sujeito tem que se posicionar frente ao enigma dos sexos do homem e da mulher. Se preferir a ignorância ele sofre, dividindo o mundo não entre homens e mulheres sexuados, mas em binarismos adulto/criança, forte/fraco, o que tem pênis e o que tem vagina.

Esses termos (masculino/feminino, atividade/passividade) são peças fundamentais na construção de uma rede de interpretações do mito de Édipo. É na passagem pelo Édipo que se dá a construção de uma posição sexual a partir das identificações daí resultantes.

4 PARA CONCLUIR

A relação de gênero é complicada em psicanálise, considerando que para esta disciplina a própria relação sexual não existe, como nos disse Lacan. O que se passa entre homem e mulher só pode ser pensado pela via das questões referentes à feminili-

dade, masculinidade, atividade, passividade. Masculinidade e feminilidade são construídas e estão diretamente coladas ao sexo. Pensar a diferença sexual é também pensar quais os atributos que são próprios do sexo biológico e o que são próprios da cultura. A feminilidade, por exemplo, é uma escolha que a mulher pode fazer, ou não. A menina pode identificar-se com a virilidade idealizada que a mãe tem da figura do pai. A cultura constrói e sistematiza a feminilidade. O homem é educado para expandir o seu potencial. A mulher é educada na contenção dos seus impulsos. O mito da mulher insaciável fundamenta a educação para a contenção. São questões colocadas pela educação e não por algo biologicamente determinado. Assim criam-se expectativas em torno do comportamento do homem e da mulher, sendo a relação entre eles permeada pela idealização. Eis mais um motivo para concordar com a afirmação de Lacan: a relação sexual não existe, pois relacionam-se no plano da idealização que cada um tem do outro.

Freud toma uma posição ambivalente em relação à posição feminina. A psicanálise dá o primeiro falo da mulher – fala própria, de si, do sofrimento, da inquietação, da angústia. É a fala do desejo que é permitida pela psicanálise. A questão da bissexualidade fundamental demonstra que é a partir desta que se põe a questão como se faz uma mulher ou um homem. O complexo de Édipo vem definir isto, ninguém nasce homem ou mulher. Nossa sexualidade é organizada em torno do falo. No Édipo a mãe é o primeiro objeto de desejo. Se ela não quer só a mim, quem ou o que ela quer? Se é o pai, a menina volta-se para este, fazendo nascer o Édipo e reorganizando o seu desejo. O menino só vai desejar a mulher se coloca um fetiche para desejar (substituir o pênis). A mulher simboliza um falo no homem para acompanhar o objeto (pênis) no corpo. Ela se apaixona pela inteligência, pelo dinheiro, pela beleza, etc. Mas como a mulher supera a humilhação de ser castrada? Como? Freud responde: é o seu bebê que vai substituir o falo. Na organização do psiquismo da mulher há que superar a reorganização de seu desejo. No início a menina deseja a mãe, depois volta-se para o pai que pode lhe dar o filho (falo). Mas ela se coloca a questão: “não posso Ter o pai, é preciso

que outro o substitua”. Para o homem é diferente: “não posso Ter minha mãe, mas posso Ter todas as mulheres do mundo”. Mas ele fica preso ao círculo – desejo – falo – falta. Assim ele conquista o falo e perde. A mulher só tem a chance no amor, ela precisa ser amada, não se realizando no exercício da sexualidade livre. Se não for amada, não tem falo para ela. O amor inclusive é mencionado por Lacan como aquele que faz suplência à relação sexual.

Em Freud a feminilidade é fúgax, ela só existe para enganar o homem. Depois que ela tem os filhos acaba. A psicanálise fica perguntando sempre “o que quer uma mulher?” A feminilidade é comparada ao desamparo, ao frágil. Nos discursos feministas a cultura falocrática impõe à mulher a posição de passividade. Ela é pensada como aquilo que faz exceção. Aponta-se para uma mudança na relação da mulher com a castração, mudando também a dialética do desejo masculino/feminino. Mas o homem também ganha com o acesso ao feminino. O masculino pode ser tocado com o feminino e a mulher tocada pelo masculino. Para a psicanálise o falo é para todos. Se o falo é diferente do pênis, o significativo do falo é relativo a todos os sujeitos submetidos à castração e que adentraram no mundo do simbólico: homens e mulheres. Atualmente as mulheres estão mais à vontade com o campo do masculino.

A posição feminina é difícil. Qual é o lugar do feminino na cultura? Não tem lugar. Se, como diz Lacan, o inconsciente tem uma sintaxe particular, estruturado como uma linguagem, isso coloca a mulher fora do nominável, já que a Língua é construída no masculino. A mulher é não toda submetida à castração. Logo, em cada mulher, uma a uma, algo escapa a esta lógica fálica: trata-se do inominável. A mulher nada sabe falar deste gozo, apenas goza (mito de Tirézias - Zeus e Hera). Quanto ao seu gozo fálico, ele é logicamente semelhante ao do homem: gozo localizado, gozo de significativo. A escrita, a fala, a procura de sentido, tudo isto implica em uma ordem fálica.

Para finalizar coloco a questão de que os sujeitos devem respeitar suas diferenças. Lacan nos diz que “O homem, uma mulher, não são mais que significantes. É daí, do dizer enquanto

encarnação distinta do sexo, que eles recebem sua função” (o seminário, livro 20, 1985). O problema é que a gente goza onde é proibido, por isso há tanta confusão entre o masculino e o feminino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, S. (1908). *O Pequeno Hans*, ESB, Rio de Janeiro: Ed. Imago, Vol. X, 1987.
- . (1908). *Sobre as Teorias Sexuais Infantis*, ESB, Rio de Janeiro: Ed. Imago, Vol. IX, 1987.
- . (1914). *Sobre uma Introdução ao Narcisismo*, ESB, Rio de Janeiro: Ed. Imago, Vol. XIV, 1987.
- . (1923). *A Organização genital infantil*, ESB, Rio de Janeiro: Ed. Imago, Vol. XIX, 1987.
- . (1924). *A dissolução do Complexo de Édipo*, ESB, Rio de Janeiro: Ed. Imago, Vol. XIX, 1987.
- . (1925). *Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção anatômica entre os sexos*, ESB, Rio de Janeiro: Ed. Imago, Vol. XIX, 1987.
- GUEDES, M^a. Eunice F. O Gênero. O que é isso? In: *Psicologia Ciência e Profissão*, nº 1, 2 e 3, Ano 15, 1995.
- KUPFER, M. C. *Freud e a Educação: o mestre do impossível*. São Paulo: Ed. Scipione, 1989.
- LACAN, J. Os escritos técnicos de Freud, livro 1, *O Seminário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- . Mais, ainda, livro 20, *O Seminário*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- . O estádio do Espelho como formação da função do eu. *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LAPLANCHE, J. *Problemáticas II: Castração, Simbolizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- MDMAGNO. *O Pato Lógico*. Rio de Janeiro: A outra editora, 1979.
- NASIO, J. D. *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- . *A Histeria*. Teoria e clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- DIATKINE, G. *Jacques Lacan*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.